

# FH impõe condições para abertura da economia

Dida Sampaio/AE

*Em Londres, presidente diz que "reciprocidade" de países ricos é fundamental no processo*

MIRIAM MOURA  
Enviada especial

**L**ONDRES — O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro ontem que o governo quer discutir concretamente as condições em que o Brasil deve abrir a economia e não deverá ceder a pressões para apressar a abertura comercial em novos setores sem avaliar antes os resultados para o País. "Sempre há o toma-lá-dá-cá", disse o presidente em Londres, onde chegou na noite de sábado para uma visita de dois dias. "Como se faz esta reciprocidade é que é a discussão."

Foi um recado aos países ricos, que criticam o regime automotivo e a posição brasileira de não assinar agora o acordo da tecnologia da informação. Fernando Henrique criticou a abertura da economia feita pelo ex-presidente Fernando Collor, como exemplo de açodamento que trouxe prejuízos ao País. "No passado, o Brasil se precipitou em algumas áreas e os resultados não são tranquilos", disse. A intenção do País, insistiu, "não é ficar fechado, é de abrir, mas discutir as condições".

Segundo Fernando Henrique, a posição brasileira, de defesa de uma avaliação ampla das condições e das compensações para o País, é uma atitude madura. "Não se trata de rechaçar", explicou. "Ao contrário, achamos que tem de liberalizar, nós criticamos os países que não estão liberalizando — na parte agrícola, fortemente", afirmou, referindo-se ao protecionismo adotado pela União Européia para os produtos agrícolas, que prejudica as exportações de países como o Brasil.

**Barreiras** — "Queremos levar adiante o que foi decidido na Rodada Uruguai", disse o presidente, deixando bem clara a opinião do governo brasileiro.

"Achamos que não adianta avançar em outros setores e não consolidar o que já foi feito, é isto que nós queremos." Assim, o governo indica que não pretende dar novos passos antes de eliminar as barreiras ao comércio de setores já amparados pelas regras da Rodada Uruguai do extinto Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), organismo substituído pela Organização Mundial do Comércio (OMC).

O presidente deu um exemplo dos erros cometidos pelo governo Collor na abertura da economia. Contou que foi a Santa Catarina recentemente inaugurar uma termelétrica, que usa carvão para produzir energia. "No dia 19 de se-



Intenção: "Não é ficar fechado, é de abrir, mas discutir as condições"



**CRÍTICA  
À PRESSÃO  
DO GOVERNO  
COLLOR**

tembro de 1991, suspendeu-se o subsídio do carvão, acabou toda a produção da região e aquilo entrou num colapso muito grande", disse. Para Fernando Henrique, era necessário mesmo suspender o subsídio, mas era preciso discutir antes a maneira mais adequada e o momento de fazer isso.

O exemplo serve para uma discussão atual no Brasil. A maior parte dos países ricos defende o acordo da tecnologia da informação, para zerar até o ano 2000 as tarifas de importação nessa área. O Brasil mantém hoje tarifas médias de 16% no setor. A questão é saber como atender aos diversos setores industriais.

Se o País mantém tarifas altas para produtos de informática em benefício da indústria nacional, estará punido outros setores da economia, que precisam dos produtos para modernizar a produção. É preciso encontrar compensações para que um setor não seja beneficiado em detrimento de outro. O presidente explicou que esse tipo de discussão não envolve apenas o setor de informática, mas também outros produtos.

Fernando Henrique defendeu também o Mercosul, alvo de frequentes críticas dos Estados Unidos. O presidente afirmou que o bloco dos países do Cone Sul "não é uma fortaleza que impeça, mas um caminho para a integração". A posição do Brasil, insistiu, é "muito clara e consistente: somos favoráveis aos blocos regionais, como o Mercosul e a União Européia, com a condição de que sejam abertos, não sejam fortalezas para dificultar o comércio".